

## VIOLÊNCIA

Pará lidera  
mortes de  
crianças e  
adolescentes

**ESTUDO** - Em 2020 houve 357 mortes violentas de menores de idade no Estado

**EDUARDO ROCHA**  
DA REDAÇÃO

O estudo "Panorama da Violência Letal e Sexual contra Crianças e Adolescentes no Brasil", lançado no dia 22 de outubro pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), trouxe números alarmantes, como o de que 357 crianças e adolescentes foram mortos de forma violenta no Pará em 2020. O Pará lidera o ranking trágico e é seguido pelo Maranhão (302) e pelo Amazonas (169) na Amazônia Legal. No Estado, em 2020, as mortes por intervenção policial representaram 28,6% dos casos, atrás de São Paulo (44,4%), do Amapá (31%) e de Sergipe (29,7%). Quanto ao número absoluto de

mortes violentas intencionais, de 2016 a 2020 o Pará soma 2.671.

Na taxa de vitimização por estupro ou estupro de vulnerável de crianças de 0 a 19 anos, o Pará estava com uma taxa de 94,8 por 100 mil habitantes em 2019, após apresentar taxa de 88,02 em 2017 e 98,6 em 2018. O Pará registrou, de 2017 a 2020, 11.212 casos em número absoluto acumulado de estupros na faixa de 0 a 17 anos. De 2019 para 2020 houve redução no registro de estupros por ano por sexo (de 0 a 17 anos) nos estados, incluindo o Pará.

O levantamento inédito divulga informações sobre a violência letal e sexual contra crianças e adolescentes no País, com base nos boletins de ocorrência de 27 Estados. Segundo o estu-



"Panorama da Violência Letal e Sexual contra Crianças e Adolescentes no Brasil" foi lançado pelo Unicef e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública

**Atrás do Pará no ranking trágico estão o Maranhão (302) e o Amazonas (169)**

do, entre 2016 e 2020 35 mil crianças e adolescentes de 0 a 19 anos foram mortos de forma violenta no Brasil - uma média de 7 mil por ano. Além disso, de 2017 a 2020, 180 mil sofreram violência sexual - uma média de 45 mil por ano.

No ano de 2020 a pandemia de covid-19 impôs medidas mais restritivas à circulação de pessoas. A pesquisa indica que as restrições provocadas pela pandemia alteraram o funcionamento de órgãos públicos e escolas e as pessoas tiveram receio de circular, situação que contribuiu para a redução nos registros de boletins de ocorrência.

## RECUEO

A Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Pará (Segup) informa que houve redução de 41% na taxa por 100 mil habitantes de mortes violentas intencionais entre vítimas de 10 a 19 anos, ao comparar os anos de 2020 (20,38) e 2018 (34,57), segundo dados fornecidos pela Secretaria de Inteligência e Análise Criminal (Siac).

Os quantitativos de mortes por intervenção de agentes do Estado e de mortes violentas intencionais, informa a Segup, também recuaram no Pará, comparando os mesmos períodos. Em 2018, na faixa etária de

10 a 19 anos, foram registradas 657 mortes violentas intencionais, sendo que 138 casos foram de mortes por intervenção de agentes do Estado. No ano de 2020 ocorreram 336 mortes violentas intencionais, dos quais 103 foram mortes por intervenção de agentes do Estado. Portanto, na faixa etária de 10 a 19 anos, houve uma redução de 49% nas mortes violentas intencionais, e de 25% nas mortes por intervenção policial. A taxa de vitimização por estupro com morte de 0 a 19 anos também reduziu na comparação dos dois períodos, no Pará. Em 2018 a taxa era de 97,3 por 100 mil e em 2020 baixou para 92,8.

## Projetos são armas contra os crimes

A Segup informa que os profissionais da área da pública recebem treinamento a fim de desenvolver atuações de forma técnica e reduzir as mortes por intervenção, bem como disponibiliza para a sociedade o serviço Disque Denúncia, que recebe informações anônimas de crimes que ocorrem no ambiente familiar, como o estupro, por exemplo, onde há

maior resistência da vítima em informar as autoridades competentes. O serviço está disponível no Whatsapp 91 98115-9181, por ligação no 181 ou no formulário e chatbot presentes no site da Segup.

A Fundação ParáPaz, prossegue a Segup, desenvolveu a cartilha "Brincando - Viver sem Violência, brincar sem violência e aprender sem

violência", considerada mais uma ferramenta de proteção e informação contra o abuso sexual de crianças e adolescentes. O material é indicado para crianças de 3 a 12 anos e aborda o tema de forma didática. A cartilha é distribuída durante ações e está disponível para ser baixada no site da Fundação ParáPaz.

O projeto "Espaços Abertos", para inclusão

social por meio de atividades de lazer e outros entretenimentos, também aborda o assunto de forma lúdica. A Fundação ParáPaz também faz o acolhimento psicossocial por meio de polos integrados em 12 municípios do Pará e disponibiliza serviço de atenção integral para a redução dos danos físicos e psicológicos a morte e famílias, informa a Segup.

## Caso Ravyla, em Viseu, é exemplo trágico

A violência contra crianças e adolescentes tem contornos extremamente cruéis por alcançar grupos de extrema vulnerabilidade. A execução de Ravyla Dagila de Souza, de 10 anos, em 21 de junho de 2021, não está no "Panorama da Violência Letal e Sexual contra Crianças e Adolescentes no Brasil". A memória deste crime, porém, ainda abala o município de Viseu, no nordeste paraense, onde ocorreu.

Ravyla saiu de casa para fazer compras para a família em um comércio próximo e desapareceu. Seu corpo foi encontrado cinco dias depois na comunidade rural Porto Grande, após buscas feitas por familiares, amigos e a polícia. A vítima apresentava sinais de tortura e violência sexual e o cadáver já estava em avançado estado de decomposição. O crime teve grande repercussão nas redes sociais.

Até se chegar ao corpo da vítima, a polícia fez abordagens nas estradas, pessoas disseram que um carro prata havia se aproximado da menina na saída da casa onde morava, buscas espontâneas de moradores foram feitas nas matas perto de Viseu, houve passeatas mobili-

zando familiares, amigos e moradores que pediram resultados da polícia.

Na quarta-feira, 27 de outubro, a Polícia Civil informou que o inquérito policial havia sido concluído e quatro pessoas foram indiciadas.

## "EPIDEMIA"

Para a juíza Hertha Helena Rollemberg Padilha de Oliveira, 2ª vice-presidente do Instituto Paulista de Magistrados (Ipam) e idealizadora e coordenadora do projeto "Eu Tenho Voz na Rede", que capacita comunidades escolares a lidar contra violência sexual contra o público infantojuvenil, o Brasil vive um drama. "Entendo a violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil como uma epidemia. Uma epidemia silenciosa, que causa inúmeras vítimas que sofrerão em silêncio pelo resto da vida, se algum fator externo não revelar a violência".

"O que a gente pode considerar é que em locais onde as famílias vivem em regiões mais afastadas, que têm pouco contato com a coletividade, obviamente que isso propicia o abuso, porque via de regra o abusador é uma pessoa da própria família", afirma.



**Ajuíza** Hertha Helena Rollemberg Padilha de Oliveira atua na defesa de crianças e adolescentes



**Entendo a violência sexual contra crianças e adolescentes no Brasil como uma epidemia", afirma a juíza Hertha Helena Rollemberg Padilha de Oliveira**